

A poética dos neurônios em Freud

Eduardo Rodrigues Peyon

Mestrando em Psicologia Clínica da PUC-Rio. Bolsista do CNPq. Especialização em Psicologia Clínica na PUC-Rio. Poeta.

End.: Rua Raul Pompéia, 201/703. Rio de Janeiro, RJ. CEP: 22080-000.

E-mail: edupeyon@superig.com.br

Ana Maria Rudge

Membro Psicanalista da Sociedade de Psicanálise Iracy Doyle. Professora Associada do Departamento de Psicologia da PUC-Rio. Pesquisadora do CNPq. Pesquisadora da Rede Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental.

End.: Av. Rui Barbosa, 532/1101. Rio de Janeiro, RJ. CEP: 2250-020.

E-mail: ana.rudge@uol.com.br, arudge@psi.puc-rio.br

Resumo

No seu artigo Freud e a Cena da Escritura (1967), Derrida valoriza a Bahnung (Facilitação) freudiana como um conceito que indica uma possibilidade de ruptura com a metafísica clássica. Segundo Derrida (1967), Freud, ao afirmar que a memória e, conseqüentemente, o psiquismo é fruto das diferenças entre essas facilitações (Bahnungs)

*nos neurônios PSI, não estabelece uma origem pura e plena para o psíquico. Derrida afirma, ainda, que Freud buscou, em seu Projeto, dar conta do psiquismo através de um apelo ao princípio da diferença. Assim, a origem seria a *différance* que não é um conceito, nem uma essência, tampouco é a tradução de algum significado transcendental. Desta forma, não há uma origem definitiva do psiquismo que possa ser plenamente determinada, mas sim uma origem que já é transcrição dessas diferenças entre as facilitações e cujo significado está sempre sendo reconstituído no a posteriori (*Nachträglichkeit*). Por fim, é com a metáfora do Bloco Mágico (*Wunderblock*) que o modelo freudiano se conforma mais propriamente a uma escritura. No presente artigo, buscamos articular essa leitura derridiana de Freud com a poesia; esta aqui é entendida como criação diante da ignorância ou estranheza que a *différance*, a cada vez, faz emergir. A poesia seria, portanto, uma possibilidade de desdobramento da *différance*, seguindo as vias abertas pelas primeiras facilitações nos neurônios. A criação segue reenviando à própria origem, impedindo, assim, que se estabeleça uma oposição absoluta entre a origem e o originado e também um pleno presente em qualquer tempo, passado, presente ou futuro. Palavras-chave: facilitação (*Bahnung*), a posteriori (*Nachträglichkeit*), diferimento (*Différance*), poesia, bloco mágico.*

Abstract

In his article "Freud and the Scene of Writing", Derrida (1967) values the Freudian 'Bahnung' (facilitation) as a concept that fosters a rupture with classic metaphysics. According to Derrida, Freud, when he affirms that memory and, consequently, the psychic, are fruits of differences between these facilitations in psychic apparatus, does not establish a pure and full origin of the psychic. Derrida affirms also that Freud tried, in his "Project", to give account of psychic invoking the principle of difference. Thus, the origin would be 'différance', which neither is a concept, nor an essence, nor the translation of some transcendental meaning. So, the psychic does not have a definitive origin that can be fully determined, but it has an origin that is already the transcription of those differences between the facilitations, which meaning is always re-constituted as a deferred action ('Nachträglichkeit'). Finally, it is with the metaphor of magical

block (*Wunderblock*) that Freud takes writing more precisely as a model. In the present article, we aim to articulate this Derridian interpretation of Freud with poetry. Poetry is understood, here, as a creation in face of ignorance or strangeness, that *'différance'*, in each time, makes emerge. Poetry would be, therefore, an unfolding of *'différance'*, following the ways opened by the first facilitations in neurons. Creation always remits to its origin, thus, precluding the establishment of any absolute opposition between the origin and the originated, and, also, of a plain present, in any time: past, present or future.

Key words: facilitation (Bahnung), deferred action (Nachträglichkeit), memory, différance, poetry, writing-pad.

Derrida (1967/2002) se refere ao **Projeto para uma Psicologia Científica** de Freud como “uma fábula neurológica cujo esquema e cuja intenção [Freud] jamais abandonará” (Derrida, 1967/2002, p.184). Segundo o filósofo franco-argelino, o percurso das construções teóricas freudianas, do Projeto até o Bloco Mágico (*Wunderblock*) de 1925, vai metamorfoseando, cada vez mais, a problemática da facilitação¹ (*Bahnung*) em “uma metafórica do traço escrito” (Derrida, 1967/2002, p. 183). Dentro do projeto derridiano da **Gramatologia**, da reabilitação² da escritura, recalcada pela metafísica desde Sócrates, o objetivo principal é a desconstrução do logofonocentrismo e a afirmação de uma *différance* que implica na revogação do liame reificado entre voz/*phoné* e verdade em presença. Desta forma, a intencionalidade consciente associada a uma lógica temporal linear também é alvo da desconstrução. Para apoiá-lo nesse projeto, Derrida encontrará em Freud uma reflexão valiosa sobre a escritura e o tempo:

Na Gramatologia e, sobretudo em *La différance*, tentei situar pelo menos a necessidade de reinterpretar um certo rastro de Nietzsche e de Freud. A questão da *différance*, ou do traço, não é pensável a partir da consciência de si ou da presença para si, nem em geral da plena presença do presente. Eu sentia claramente que havia em reserva, em Freud, uma poderosa reflexão sobre o traço e a escrita. Sobre o tempo também (Derrida, 2001/2004, p.204).

O objetivo do presente trabalho é, a partir da leitura que Derrida (1967/2002) empreende do **Projeto** e, mais especificamente, das especulações freudianas sobre o funcionamento da memória no aparelho psíquico que culminam no artigo sobre o Bloco Mágico, acentuar o caráter e o potencial poético da *Bahnung* freudiana. Se existem as experiências e os traços, que vão estabelecendo a possibilidade do psíquico a partir do jogo das diferenças entre as facilitações, diferenças que delineiam uma topografia, a cada novo traço existe um retilhar ou cruzar as primeiras vias. Tal “litografia anterior às palavras: metafonética, não-lingüística e alógica” (Derrida, 1967/2002, p. 193) como fundamento do psíquico entra em confronto com o estabelecido pela metafísica e pelo discurso que valoriza a presença. Essa rede de facilitações é condição para o psiquismo, mas é uma origem sempre presente, não transcendente, que acompanha e embasa o psiquismo, e que reenvia, a cada vez, a um indeterminado originário.

Assim, não apenas é somente com o próximo risco que algum sentido poderá emergir, como todo sentido já será uma nova convocação a um novo traço. Desta forma, o passado como origem pontual, plena, estática, estará sempre se fazendo ausente e impossível a cada presente no qual a consciência, em presença, nada deterá em-si, a não ser um hieróglifo a partir de um flash perceptivo. Portanto, a indefinição da origem esvazia o sentido pleno no presente. Contudo, quando esse hieróglifo é transformado em enigma, o que responde a esse apelo, antes de qualquer outra aventura subjetiva, é a poesia na sua qualidade de invenção. Se a resposta ao enigma parte do discurso dominante, do *lógos* como instaurado, não há possibilidade de liberdade, e toda força e diferença serão submetidas ao gesso do Outro. Assim, para que a poesia aconteça, é preciso esvaziar o Outro que a enclausura e tentar estabelecer um sentido presente, a cada presente. Pensando com Derrida, esse Outro é a própria aventura metafísica ocidental e sua valorização da *phoné* como lugar de surgimento do estado da alma.

Por isso, nossa definição de poético e Poesia é aquela que, desde Platão, situa o poeta como alguém fora da República. Nesse sentido, a Poesia denuncia a incompletude de qualquer argumento e abre portas para o novo. Como diz Harold Bloom (1976/1994),

todo poeta forte precisa recusar seu antecessor, sem, contudo, deixar de tê-lo como referência³. Podemos pensar que a própria recusa freudiana em ler Nietzsche e Schopenhauer, aqueles que ele mesmo reconheceu, ainda que timidamente, como seus precursores, foi uma atitude poética. Só existe a possibilidade do pasmo poético quando existe uma *différance* que não se deixa enclausurar. Nitidamente, Freud não é um pensador revolucionário durante toda a sua obra nem em todos os momentos, mas essa “poderosa reflexão sobre o traço e sobre o tempo” (Derrida, 2001/2004, p. 204), que Derrida elogia, aponta para um corte epistemológico de monta empreendido pelo gesto freudiano de afirmar um inconsciente. Inconsciente que determina nossas vidas e que tem em sua base uma escritura cujo sentido é reconstituído a cada novo momento da narrativa, mesmo que nunca seja plenamente estabelecido em termos subjetivos.

O passado nunca foi presente a não ser no instante em que emerge já exigindo ou causando uma nova busca, no *a posteriori*. Nesse sentido, o pensamento de Heráclito de Éfeso é absolutamente valioso, especialmente na leitura heideggeriana que implica em traduzir *physis* como emergir. A vida emerge como novo enigma a cada volta da fortuna. Assim, a cada efração, a cada escavação neuronal, a cada nova tessitura da rede psíquica, ao longo do viver de cada ser, um enigma se coloca a partir da escritura que estrutura o texto e o psiquismo. Todo esforço criativo para ampliar os desdobramentos desse rastro que segue se diferenciando é entendido aqui como Poesia. Essa teia que possibilita o psíquico segue sendo convocada e apagada, como verdade presente por um fugaz instante e como passado impossível de ser plenamente subjetivado.

Todavia, antes de desenvolvermos nossa reflexão, vamos apresentar brevemente o percurso freudiano até a metáfora do Bloco Mágico e também aprofundar nossa compreensão do comentário derridiano.

O Projeto de 1895

O **Projeto** começou a ser escrito num trem, quando Freud retornava de uma visita a Fliess, em Berlim, e faz parte da pré-his-

tória da psicanálise. Contudo, nele estão contidas as sementes de muitos desenvolvimentos posteriores da teoria psicanalítica. Mesmo que aqui, muitas vezes, o que mais à frente seria pensado sobre o psíquico esteja permeado pelos reducionismos à biologia, à neurofisiologia e até à física, esse trabalho apresenta-se como fundamental na compreensão do desenho do aparelho psíquico por Freud nos anos seguintes. A própria relação de amor e ódio que Freud viveu com o **Projeto**, tentando destruí-lo e depois o reencontrando, demonstra sua importância para ele.

Freud começa dizendo que o objetivo do trabalho “é prover uma psicologia que seja ciência natural” (Freud, 1895/1976a, p. 403). Uma ciência natural precisa de uma causa material e Freud afirma, então, que “os neurônios devem ser encarados como as partículas materiais” (Freud, 1895/1976a, p. 403) do sistema. Dentro de um modelo evolucionista, Freud tenta conceber uma genealogia do aparelho psíquico. Ora, nos diz ele, o sistema nervoso surge para livrar o organismo daquilo que o irrita, que o excita. Freud denomina Q à energia que circula pelos neurônios, e cujo princípio de funcionamento seria a inércia, que busca se livrar ou se esvaizar de Q:

Essa descarga representa a função primária do sistema nervoso. Aqui existe espaço para o desenvolvimento de uma função secundária. Pois, entre as vias de descarga, são preferidas e conservadas aquelas que envolvem a cessação do estímulo: fuga do estímulo (Freud, 1895/1976a, p. 405).

Freud arremata que: “todas as funções do sistema nervoso podem ser compreendidas sob o aspecto das funções primária ou secundária impostas pelas exigências da vida” (Freud, 1895/1976a, p. 406). Contudo, se Freud começa concebendo um aparelho cuja função é descarregar as excitações provenientes do seu exterior, a seguir ele introduz a idéia de que, com a complexificação dos organismos vivos, as excitações também passaram a ocorrer a partir das próprias células do ser vivo. Assim, quando um objeto exterior excita o organismo, este pode usar a Q no seu processo de defesa, para fugir ou afastar-se do estímulo inconveniente. Todavia, quando se trata de um estímulo interno, de uma excitação que brota

do próprio organismo, a possibilidade de fuga torna-se impossível. Nesses casos, é preciso empreender uma **ação específica**. Para efetivar essa ação, o sistema nervoso precisa armazenar uma dose de Q como combustível para empreender a ação.

Para caracterizar o psíquico, nessa construção neuronal, Freud desenvolverá uma primeira concepção de memória⁴. As barreiras de contato são extremamente importantes, pois, na circulação de Q pelo sistema nervoso, elas podem oferecer ou não resistência a sua passagem, ao seu percurso pelo sistema nervoso. Essas resistências estarão na origem da memória e, logo, são preparadoras do psiquismo.

A reflexão sobre a efetivação da memória trouxe uma nova questão para Freud: como podem os neurônios, após arquivarem uma memória, conservarem a superfície lisa e permeável, estando aptos para receberem novas percepções? Se a memória se faz pela oposição do neurônio a uma passagem de Q e isso causa um traço, constrói uma facilitação (*Bahnung*), marca uma diferença através do atrito de Q no neurônio, como poderia esse neurônio permanecer inalterado e capaz de perceber? A solução de Freud, contrariando os achados histológicos que não evidenciavam diferenças morfológicas entre os neurônios, foi criar (poeticamente?) uma distinção entre os neurônios:

Assim, existem neurônios permeáveis (que não oferecem resistência e nada retêm), destinados à percepção, e impermeáveis (dotados de resistência e retentivos de Qn) que são portadores da memória e, com isso, provavelmente também dos processos psíquicos em geral (Freud, 1895/1976a, p. 409).

Freud irá nomear neurônios FI àqueles que são permeáveis e PSI àqueles que são impermeáveis. É nos neurônios impermeáveis que o psiquismo irá se constituir a partir do abaixamento das resistências existentes nas barreiras de contato quando nelas ocorre uma passagem de Q, que escava uma trilha. Essa se tornará uma passagem preferencial, compulsiva, caminho pulsional. Esses primeiros trilhamentos, ocorridos nos primeiros dias de vida dos seres, serão uma espécie de origem rasurada, impossível, porém

sempre emergindo na vida do sujeito, na sua forma de estar no mundo e constituindo para cada um de nós aquilo de mais estranho em nossa experiência – o *Unheimlich*, absolutamente íntimo e, ao mesmo tempo, exterior e absurdo que se reenvia, que se repete, e que pode chegar como trauma porque desarticula e angustia.

Continuando, o pai da psicanálise afirma que é a diferença entre as facilitações nos neurônios Psi que funda a memória e conseqüentemente o psiquismo. É como diferença que se instaura a litografia psíquica de cada um, desde então de forma singular. Essa litografia cujo efeito continuará se evidenciando nos retornos de um comportamento ou destino inexplicável para o sujeito, é o lugar mesmo da análise: o maior enigma e nossa mais íntima ignorância. Seguindo Vico, a ignorância da causa é a própria causa da poesia:

Em sua robusta ignorância, o povo primevo só podia criar usando sua imaginação, que era notadamente física. Entretanto, essa mesma fisicalidade fez sua criação maravilhosamente sublime, e esta sublimidade era tão grande e poderosa que excitava suas imaginações até o êxtase. Por virtude dessa criação imaginativa, eles eram chamados poetas, o que em Grego significa criadores (Vico, 1744/2001, p. 145)⁵.

Nenhum aparelho psíquico é igual, e cada pessoa portará uma rede de facilitações distinta e única. Poderíamos ir além e interrogar sobre a composição do psiquismo de cada um antes de qualquer trilhamento. Teríamos, então, que indagar as possibilidades de uma transmissão da escritura neurológica ancestral através do DNA numa retomada revista do lamarckismo⁶. De qualquer forma, unindo-nos a Derrida na asserção da impossibilidade de uma origem definitivamente originária, interessa-nos que esse passado perdido como origem, essa primeira estruturação de uma rede de diferenças no sistema neuronal, estabelece uma topografia carregada por toda a vida. Não como uma memória evocável, mas como um impossível de identificar que, como a *physis* de Heráclito, emerge sem mostrar-se plenamente, como a própria condição de funcionamento do subjetivo.

Os neurônios Fi seriam mais externos e receberiam estimulações e excitações mais fortes. Esses neurônios responsáveis pela percepção filtrariam as excitações de forma que, ao chegarem aos neurônios Psi, essas estariam menos intensas. Assim, uma resistência se oporia a elas, e sua passagem facilitaria permanentemente as barreiras. Suas marcas ficariam traçadas, porém perdidas, como a origem rasurada de Derrida, como arquiteços. O principal ponto é que a *Bahnung* não é uma origem externa do psíquico, mas sim uma condição de possibilidade imanente para o psíquico, que determina o retorno e a repetição em atos e destinos enigmáticos.

O peso das experiências na constituição do psiquismo contribui para uma reflexão contrária aos cânones metafísicos. Não há uma verdade dada, mas sim uma sucessão de situações que vão se entretecendo e compondo o psiquismo. O contexto, a localização, o encontro, tudo isso precisa ser levado em conta na própria constituição do psíquico. Portanto, existe uma multiplicidade de possibilidades a partir do primeiro traço e mesmo que, após o estabelecimento das primeiras diferenças na rede de facilitações as quais possibilitam o psíquico, vias preferenciais estejam determinadas, existe espaço para a introdução de diferenças, a cada repetição na passagem de Q pelos trilhamentos, uma vez que essa primeira **carta** pode, a cada presente, no *a posteriori*, nos seus reenvios, ser poetizada na medida em que não porta uma significação transcendental.

Como os neurônios Fi não terminam no meio exterior, existe já uma primeira tela que são os órgãos dos sentidos que também entram nessa dança da narrativa. Na verdade, a diferenciação categórica entre um exterior e um interior vem se mostrando cada vez mais irrealizável, pois o encontro entre o eu e o outro traz consigo uma complexidade infinita, a partir do rastro imotivado que inaugura o devir. No caso do psiquismo, a partir da primeira diferença entre escavações que marcam uma primeira letra, um primeiro hieróglifo, uma primeira convocação ao poético como possibilidade de re-velação do que na origem perdida é puro choque, puro encontro de forças em planos modais e temporais e que arcabouça uma estrutura que sempre se revela no *a posteriori*, *Nachträglichkeit*.

Contudo, é quando se depara com o problema da consciência e da qualidade das sensações que Freud se vê precisando recorrer a uma nova diferenciação e cria um terceiro grupo de neurônios. São os neurônios Ômega que são excitados com a percepção e capazes de produzir as diversas qualidades na consciência. Assim, enquanto os neurônios Fi e Psi cuidam da percepção e do armazenamento, os neurônios Ômega seriam responsáveis pela formação da qualidade da percepção na consciência. Freud decide que, como a consciência é efêmera, os neurônios ômega não poderiam reter facilitações. Desta forma, Freud repensa a circulação de Q pelo sistema nervoso e postula, genialmente, uma periodicidade na circulação da energia. Os neurônios Ômega não recebem Q, mas sim se apropriam desses intervalos entre as excitações, chamados por Freud de **períodos**. Em 1925, no Bloco Mágico, Freud chegará a propor que toda nossa concepção de tempo decorreria dessa periodicidade, desses intervalos perceptivos na consciência, dessa “não-excitabilidade periódica do sistema perceptual”⁷.

É interessante notar que na definição de consciência que Freud nos dá no **Projeto** ele indica que o fato de a consciência estar ausente não impede o funcionamento do aparelho psíquico. A falta de participação de Ômega altera os processos, mas não os impede. Assim, podemos encontrar as raízes da noção de inconsciente nessa passagem do **Projeto**:

A consciência é aqui o lado subjetivo de uma parte dos processos físicos do sistema nervoso, isto é, dos processos ômega; e a omissão da consciência não deixa os eventos psíquicos inalterados, mas acarreta a falta de contribuição de ômega (Freud, 1895/1976a, p. 423).

Os neurônios PSI, aqueles onde acontecem as facilitações, onde se estabelece o traço, recebem excitação que pode ter origem no interior do organismo ou no seu exterior:

Desse modo, PSI é investido a partir de FI em Qs que são normalmente pequenas. A quantidade de excitação de FI se expressa em PSI por enredamento; sua qualidade se expressa topograficamente, uma vez que, segundo

suas relações anatômicas, os diferentes órgãos sensoriais só se comunicam através de FI com determinados neurônios PSI. Mas PSI também recebe catexia do interior do corpo; e é provável que os neurônios PSI devam ser divididos em dois grupos: os neurônios do pallium, que são investidos a partir de FI, e os neurônios nucleares, investidos a partir das vias endógenas de condução (Freud, 1895/1976a, p. 428).

Assim, são justamente as excitações que atingem os Psi nucleares, sem um enredamento anterior pelos neurônios Fi, que chegarão aos neurônios PSI com mais intensidade. Esse impulso proveniente do interior do organismo sustenta a atividade psíquica. “Conhecemos essa força como vontade – o derivado das pulsões” (Freud, 1895/1976a, p.430).

Existe, portanto, um brotar da vida. As experiências de satisfação e de dor acompanham o despertar de urgências do âmago do próprio organismo. A experiência de satisfação envolve um outro ser – na maior parte dos casos a mãe – porque o organismo recém-nascido é incapaz de realizar a ação específica necessária para aplacar ou responder às urgências do organismo. No caso do bebê humano, essa dependência é ainda maior do que nos demais animais e, portanto, desde o **Projeto**, aparece no texto freudiano a noção de Desamparo (*Hilfflosigkeit*), valorizada como a causa de todos os motivos morais na vida humana.

Já a experiência de dor é aquela em que “Qs excessivamente grandes rompem os dispositivos de tela em Fi” (Freud, 1895/1976a, p.433). O retorno dessa dor se faria por um investimento das lembranças do objeto hostil. É aqui que Freud propõe a existência de neurônios secretores que ele batizará “neurônios chave” (Freud, 1895/1976a, p.434). Esses neurônios aproveitariam as facilitações especialmente abundantes deixadas pela experiência de dor para renovar o investimento da imagem do objeto hostil causando um estado que Freud diz ser semelhante ao da dor: uma espécie de angústia perante a lembrança do objeto causador da dor.

Após a primeira experiência de satisfação, uma imagem mnêmica fica registrada. Ao surgir um novo estado de urgência, é

provável que essa memória seja acionada. Contudo, nesse momento, acontece uma desilusão, um desapontamento, a memória não satisfaz a urgência e isso vai exigir do psiquismo um desenvolvimento no sentido de diferenciar memória e percepção para poder efetivar juízos corretos e determinar a realidade para poder agir.

Ambas as experiências, de dor e de satisfação, deixam atrás de si a tendência a caminhos compulsivos. Os investimentos resultantes dessas experiências são muito mais intensos do que os demais: vão seguidamente reativar a memória do objeto ligado às experiências de satisfação. Por outro lado, o psiquismo recua de investir a memória do objeto ligado a experiências de dor, porque a memória da dor provoca dor.

É justamente nesse ponto do **Projeto** que Freud introduz o “eu”. A partir das experiências de satisfação e de dor, Freud fala de um “estado de desejo”⁸ (Freud, 1895/1976a, p.436) causado pela imagem mnêmica do objeto desejado, isto é, envolvido na experiência de satisfação. Já o repúdio à imagem mnêmica hostil envolvida na experiência de dor é a “defesa primária”: “[...] em PSI se formou uma organização cuja presença interfere nas passagens (de quantidade) que, na primeira vez, ocorreram de determinada maneira (isto é, acompanhadas de satisfação ou dor). Essa organização chama-se ‘eu’” (Freud, 1895/1976a, p.437).

A principal função do eu é a de inibir os processos primários, possibilitando investimentos colaterais através de facilitações temporárias que interfiram na passagem compulsiva de Q pelos canais facilitados, redistribuindo-a. Essas inibições são fundamentais para esvaziar a intensidade do desprazer. Freud, então, diferenciará processos primários e processos secundários pela interferência ou não da inibição efetuada pelo eu. Os processos secundários seriam “versões atenuadas dos processos primários” (Freud, 1895/1976a, p.442) e implicam o reconhecimento da realidade através da inibição, através de investimentos colaterais, da passagem de Q característica dos processos primários.

Sem a inibição efetuada pelo eu, o processo psíquico tenderia a funcionar em processo primário, com livre circulação de Q pelas facilitações mais marcantes (e mais marcadas, mais escavadas em Psi), e descarga. Assim, o sujeito estaria sujeito a intenso

desprazer e a estados afetivos extremos. Podemos pensar que as irrupções incontrolláveis pelo eu são aquelas que fazem prevalecer uma circulação energética de tipo primário, com grande tendência à descarga, de cunho compulsivo, impossível de inibir, além do princípio do prazer. Ou seja, o processo primário é o que mais obedece aos rastros deixados pelas experiências originárias, estruturantes do psiquismo, o arquiteço de que nos fala Derrida. Essa primeira escrita ocorre, na fábula neurológica de Freud, como uma primeira poesia, a origem perdida de toda criação, que na sua presença em retornos, em repetições, nos encontros inesperados com o que traumatiza, com o que angustia, com o que é *Unheimlich*, exige um desdobramento, uma re-velação, uma invenção e um esforço poético para superar a nossa ignorância sobre o rastro originário, sobre o sem sentido que nos causa e acompanha. A coragem do poeta é mergulhar nessa rede, nessa carta, nesse envio e re-velar, isto é, clarear e obscurecer a própria origem, numa temporalidade sempre atrasada, diferida, *Nachträglichkeit*.

Freud e a Cena da Escritura

Derrida (1967/2002) nos lembra de saída que o texto assim intitulado é um fragmento de uma conferência que pronunciou no seminário de André Green, no Instituto de Psicanálise. Os conceitos principais, nele utilizados pelo autor, foram apresentados em seu ensaio **Gramatologia** (1967/2004): a presença e o arquiteço.

O filósofo franco-argelino nos avisa, então, que “a desconstrução do logocentrismo não é uma psicanálise da filosofia” (Derrida, 1967/2002, p. 179). Derrida valoriza o “recalque infeliz”, apoiando-se em Freud, que afirma que esse é o recalque que suscita nosso interesse, já que o recalque feliz não causa sintomas, e dele não temos notícias. O sintoma em questão, mesmo que a proposta não seja uma psicanálise da filosofia, é o retorno da escritura recalcada desde Sócrates – “A forma **sintomática** do regresso do recalcado: a metáfora da escritura que percorre o discurso europeu, e as contradições sistemáticas na exclusão onto-teológica do traço”. (Derrida, 1967/2002, p. 180, grifo do autor).

A **Gramatologia** proposta por Derrida é uma inclusão da escritura não mais como mera representação gráfica da *phoné*,

isto é, da voz como lugar da verdade em presença. O arquitraço é essa origem impossível, rasurada, de toda escritura e de toda fala. Assim, o que retorna é essa origem rasurada. A escritura retorna interrogando toda matriz simbólica ocidental e sua aventura. Não se trata de considerar o logofonocentrismo um erro, mas sim de perceber como a possibilidade simbólica ocidental e suas definições do verdadeiro recalcam a própria escritura como origem rasurada, como arquitraço, como causa que continua presente, como passado riscado, indeterminado, sempre se apresentando e instaurando uma *différance* a cada tentativa de leitura.

Derrida (1967/2002) faz referência a **Além do Princípio do Prazer** e ao fato de que os princípios do prazer e da realidade não constituem uma dicotomia inserida nas oposições metafísicas clássicas, mas sim *différance* na medida em que um princípio comporta o outro e permanece vigorando em articulação, em brisura, isto é, em ruptura e complementaridade com o outro.

O filósofo nos alerta que está usando os conceitos freudianos entre aspas, porque Freud está inserido na tradição metafísica ocidental. Encerra sua apresentação do texto interrogando “em que é que os conceitos freudianos de escritura e de traço seriam ainda ameaçados pela metafísica e pelo positivismo?” (Derrida, 1967/2002, p. 181). O que interessa a ele é justamente aquilo que, da obra de Freud, não se deixa enclausurar pelo logofonocentrismo: especialmente o tema da escritura e do traço.

A epígrafe de **Freud e a Cena da Escritura** (1967/2002) é uma citação do **Projeto** de 1895 na qual Freud afirma permanecer aberta a questão sobre o que é a *Bahnung*. Derrida quer entender o que é um texto e o que deve ser o psíquico para ser representado por um texto:

Qual deve ser enfim a relação entre o psíquico, a escritura e o espaçamento para que uma tal passagem metafórica seja possível, não apenas nem em primeiro lugar no interior de um discurso teórico, mas na história do psiquismo, do texto e da técnica? (Derrida, 1967/2002, p. 183).

Segundo Derrida, Freud percorreu uma estranha progressão, desde 1895, com o **Projeto** até 1925, com o trabalho sobre

o **Bloco Mágico**. De um sistema de traços que Freud teria adorado que fosse natural – o **Projeto** era de uma psicologia científica – até o modelo metaforizado pelo *Wunderblock*, uma série de arquiteturas estruturais da escritura vão se seguindo.

Percorrendo a “fábula neurológica” (Derrida, 1967/2002, p. 184) de 1895, vemos o filósofo encontrar ali a diferença como origem do psiquismo. São as diferenças entre as facilitações que forjam o psíquico. Não há psiquismo sem o traço e a repetição. Derrida conclui que “é preciso pensar a vida como traço antes de determinar o ser como presença” (Derrida, 1967/2002, p.188). Ou seja, não tomar a voz como veículo de expressão da verdade ideal, como vem sendo feito desde Sócrates, aquele que não escreve. A escritura possibilita uma outra relação com a verdade que desfaz as dicotomias e oposições clássicas, rompendo com a idéia de que a voz enuncia verdades que brotam de outro lugar, um lugar transcendente, a alma, o mundo das idéias, um Deus exterior, a Razão soberana, um Sentido absoluto etc.

Há, na impossibilidade de determinar plenamente o que seja a *Bahnung*, um encontro com a não origem de Derrida. É impossível estabelecer a primeira efracção no neurônio e derivar daí uma repetição e uma diferença. A própria origem é esse arquitrampo. O psiquismo se monta a partir dessa escavação primeira absolutamente rasurada, e numa temporalidade *a posteriori*, que não se ajusta a uma temporalidade lógica. O conceito freudiano de *Nachträglichkeit* é fundamental aqui:

Não existe texto presente em geral, nem mesmo há texto presente-passado, texto passado como tendo sido presente. O texto não é pensável na forma, originária ou modificada, da presença. O texto inconsciente já está tecido de traços puros, de diferenças em que se unem o sentido e a força, texto em parte alguma presente, constituído por arquivos que são sempre já transcrições (Derrida, 1967/2002, p. 200).

É porque não existe texto presente, e tampouco texto passado que tenha sido presente, que Derrida vai elogiar a revolução na noção de temporalidade que o conceito de *Nachträglichkeit* acar-

reta. É somente *a posteriori* que o presente do passado se torna presente com um sentido efetivo, e isso acontecerá a cada outro retorno, marcado pela diferença, do mesmo. Não há uma presença plena e, portanto, a voz não garante a verdade do estado da alma ou da coisa. Dessa forma, Freud rompe com a metafísica e abre novos caminhos:

[...] que não haja pureza do presente vivo, é o tema, formidável para a história da metafísica, que Freud nos leva a pensar através de uma conceitualidade desigual à própria coisa. Este pensamento é sem dúvida o único que não se esgota na metafísica ou na ciência (Derrida, 1967/2002, p. 201).

O sonho, ao retomar facilitações antigas, segue um caminho dentro de uma litografia que é anterior às palavras. Não há código para traduzir essa escritura. “O sonhador inventa a sua própria gramática” (Derrida, 1967/2002, p. 196). Essa ruptura que a escritura determina em relação aos liames da tradição implica numa outra perspectiva de construção de conhecimento e de vida. A escritura é constantemente *différance*, pois ela impede qualquer determinação originária plena, isto é, exterior ao próprio movimento das forças; “o que descrevemos aqui como trabalho da escritura elimina a diferença transcendental entre origem do mundo e estar-no-mundo” (Derrida, 1967/2002, p. 201).

Força e sentido não estão separados em Freud. Não há uma tradução possível do que se inscreve no inconsciente para o pré-consciente ou para o consciente. O traço deixado pela *Bahnung* nunca foi vivido no presente como consciência. Tal traço só ganha efetividade, isto é, só constitui-se como um passado-presente no *a posteriori*. Não há presença após essa subversão da temporalidade, e essa subversão da temporalidade significa que o passado nunca foi presente-em-si. “O *post-scriptum*, que constitui o presente passado como tal, não se contenta, como talvez o tenham suposto Platão, Hegel e Proust, com o despertá-lo ou revelá-lo na sua verdade. Ele o produz” (Derrida, 1967/2002, p.204).

Todos os desenvolvimentos de Freud sobre a sexualidade e o período de latência, inclusive nas formulações tardias e mais am-

plas de **Moisés**, são calcados nessa diferente temporalidade que rompe com a temporalidade clássica. Quando Freud situa o inconsciente como atemporal, tal posicionamento se dá em oposição ou confrontação a um conceito soberano de tempo e temporalidade, “conceito tradicional, conceito da metafísica, tempo da mecânica ou tempo da consciência” (Derrida, 1967/2002, p. 204).

Acompanhando as metáforas que Freud utiliza, Derrida levanta a seguinte questão:

Mais de vinte anos separam a primeira edição da *Traumdeutung* da *Note sur le bloc magique*. Se continuarmos a acompanhar as duas séries de metáforas, as que dizem respeito ao sistema não-psíquico do psíquico e as que dizem respeito ao próprio psíquico, que se passa? (Derrida, 1967/2002, p. 212).

É justamente no artigo sobre o Bloco Mágico que Derrida encontra a percepção e a memória apresentados como um aparelho de escrever. O próprio sistema que possibilita o psíquico é uma escritura, no modelo metafórico de 1925. Antes de seguirmos com Derrida, vamos fazer um breve resumo do texto sobre o bloco mágico.

Freud abre seu artigo dizendo que, quando não se confia na própria memória, pode-se “suplementar e garantir seu funcionamento tomando nota por escrito” (Freud, 1925/1976b, p.285). A superfície sobre a qual se escreve a nota é como se fosse uma parte materializada do aparelho mnêmico que levamos dentro de nós. Arquivando essa nota, poderemos recorrer a ela a qualquer instante que desejarmos, tendo certeza de que ela ficou preservada em relação a possíveis distorções de memória. Freud indica ainda que esse procedimento acontece em grau notável entre os neuróticos⁹.

Há duas formas de proceder na efetivação da nota. A primeira possibilidade é “escolher uma superfície para escrever, que preservará intacta qualquer nota efetuada sobre ela por uma duração indefinida de tempo” (Freud, 1925/1976b, p.285). O problema desse procedimento é que chegará um momento em que a superfície – folha de papel – utilizada para o registro não terá mais espaço para novas notas. Existem duas desvantagens nessa pri-

meira possibilidade de registro: o limite de espaço e a permanência dos registros que tenham perdido a importância.

O que está em jogo é como conceber a possibilidade simultânea de armazenar novos registros sem ter que apagar os antigos. Essa possibilidade, nos diz Freud, o nosso aparelho mental possui, pois apresenta “uma capacidade receptiva ilimitada para novas percepções e, não obstante, registra delas traços mnêmicos permanentes, embora não inalteráveis” (Freud, 1925/1976b, p.286).

O bloco mágico fascina Freud por ter um funcionamento semelhante ao que ele já havia postulado para o psiquismo desde o **Projeto**, visto que “pode fornecer tanto uma superfície receptiva sempre pronta, como traços permanentes das notas feitas sobre ela” (Freud, 1925/1976b, p.287). O Bloco é constituído por uma prancha de cera ou resina sobre a qual existe uma dupla folha transparente. Essa folha possui uma camada mais exterior que é um pedaço transparente de celulose e uma camada mais interior que é um papel encerado fino e também transparente. Essa dupla folha é constituída, então, por diferentes superfícies que se unem nas extremidades e repousam sobre a prancha.

Quando se utiliza o bloco mágico, escreve-se sobre a camada mais exterior da dupla folha, isto é, sobre a celulose. Essa escrita não utiliza lápis ou giz, ela é feita com um estilete pontiagudo. A escrita é visível na folha de celulose porque sulca a folha encerada que a subjaz. Mais ainda, retirando-se as duas folhas, encontra-se sobre a própria prancha o traço, que “sob luz apropriada, é legível” (Freud, 1925/1976b, p.289). Resume Freud:

Assim, o Bloco fornece não apenas uma superfície receptiva, utilizável repetidas vezes como uma lousa, mas também traços permanentes do que foi escrito, como um bloco comum de papel: ele soluciona o problema de combinar as duas funções **dividindo-as entre duas partes ou sistemas componentes separados mas interrelacionados**. Essa é exatamente a maneira pela qual, segundo a hipótese que acabo de mencionar, nosso aparelho mental desempenha sua função perceptual. A camada que recebe os estímulos – o sistema Pcpt.-Cs – não forma traços permanentes; os fundamentos da me-

mória ocorrem em outros sistemas, contíguos (Freud, 1925/1976b, p. 289 – grifos do autor).

A analogia freudiana segue adiante. No bloco mágico “a escrita se desvanece sempre que se rompe o íntimo contato entre o papel que recebe o estímulo e a prancha de cera que preserva a impressão” (Freud, 1925/1976b, p. 289). Freud afirma, então, que esse desvanecer da escrita concorda com uma noção sobre o aparelho psíquico, de “não excitabilidade periódica do sistema perceptual” (Freud, 1925/1976b, p. 290), que consiste numa descontinuidade de investimento que acarreta a extinção da consciência.

É como se o inconsciente estendesse sensores, mediante o veículo do sistema Pcpt.-Cs, orientados ao mundo externo, e rapidamente os retirasse assim que tivessem classificado as excitações dele provenientes. (...) Tive ainda a suspeita de que esse método descontínuo de funcionamento do sistema Pcpt.-Cs jaz no fundo da origem do conceito de tempo (Freud, 1925/1976b, p. 290).

Assim, o funcionamento do aparelho perceptual e da memória encontraram, no bloco mágico, uma analogia. O sistema possui uma tela de proteção que filtra os estímulos – a folha de celuloose. Possui um lócus da percepção que seria a folha de papel fino e encerado logo abaixo. E possui uma última superfície sobre a qual ficam os sulcos mais inconscientes deixados pelo estilete, pelas impressões. Além disso, o fato de a dupla folha, de tempos em tempos, precisar ser substituída, equipara-se à descontinuidade na corrente de inervação, fazendo não apenas com que a consciência seja efêmera, mas também intermitente. Como vimos, Freud lança a hipótese de que essa descontinuidade seria a base da nossa noção de tempo.

Derrida vai insistir que a percepção pura não existe e afirmar que “só somos escritos escrevendo” (Derrida, 1967/2002, p.222). Se houvesse apenas percepção, isto é, se as passagens de Q acontecessem de forma pura, sem uma resistência oferecida pelas barreiras de contato em Psi, não haveria facilitações e nem condições para o psíquico. O que fica retido são modificações residuais permanentes, num sistema que implica em relações complexas

entre diferentes camadas, que o bloco mágico metaforiza com as duas folhas e a base. “No interior dessa cena, é impossível encontrar a simplicidade pontual do sujeito clássico” (Derrida, 1967/2002, p.222) e, assim, Derrida aponta a ruptura freudiana com o platonismo. “Nesse sentido, a escritura é a cena da história e o jogo do mundo. Não se deixa esgotar por uma simples psicologia” (Derrida, 1967/2002, p.224).

Num artigo bem mais recente, Derrida (1995/2001) acentua sua proposição indicando que o trabalho acerca do Bloco Mágico faz da psicanálise uma teoria do arquivo. Um arquivo que se faz num espaço hipomnêmico, num “exterior doméstico” (Derrida, 1995/2001, p.31) do aparelho psíquico que seria, como na metáfora do bloco mágico, com suas diferentes superfícies, um suporte para que a memória seja arquivada. O valioso aqui é que essa “prótese do dentro” (Derrida, 1995/2001, p.31), segundo Derrida, se instala como uma “instituição” impossibilitando uma memória pura do acontecimento. O que Derrida afirma é que não há memória sem arquivo. E todo arquivo acontece segundo um processo de arquivamento que já introduz, desde a origem, uma diferença. Assim, não há origem que possa ser localizada independentemente de um arquivamento, pois não há uma percepção inaugural que se transforme em memória espontaneamente, sem um lugar onde se archive segundo um determinado modo de arquivamento. Isso que fica arquivado inicia um jogo de reenvios, ao longo da história individual e coletiva, que implica de saída na iterabilidade, no desdobramento, na marca da multiplicidade e da disseminação, mesmo que inserido numa repetição.

Para nós, esse desejo de arquivo, na sua inevitável relação com a pulsão de morte¹⁰, articula-se poeticamente às escavações mais profundas do sistema nervoso. O que é hipomnêmico é da ordem do radicalmente estranho, e, entretanto, da ordem do mais íntimo, do que só pode estar escrito nas vísceras, como arquivo e em ruptura com a suposição de uma origem e uma destinação naturalmente dadas. Assim, é na célula, como escritura, que segue sendo arquivada e retransmitida a memória de nossa luta entre vida e morte, nessa origem rasurada, cuja marca está sempre se reenviando como enigma e originando o psiquismo e sua necessidade de poesia. Se o arquivo instaura a possibilidade da repetição do

que está desde sempre perdido, é justamente porque a origem não fala por si mesma, mas somente através de um arquivo no qual o arquivado já está registrado de forma singular e que se atualiza a cada repetição. A voz não traduz o fenômeno através de uma fala plena. A escritura inaugural já impossibilita qualquer relação de tradução direta de um suposto fenômeno, pois a diferença entre as facilitações, que é a primeira escrita e arquivo, introduz uma relação de desdobramento entre o psiquismo e a coisa. Desse modo, essa articulação entre o sistema não-psíquico que redonda no psíquico e o psiquismo não pode se fazer através de um funcionamento linear-causal. É por isso que as primeiras facilitações ou traços estão incluídos para sempre, mesmo que permaneça sem resposta a pergunta sobre o que são, no próprio psiquismo, já como rastro, como passado que se renova a cada presente, como estranho, mas sem necessariamente chegar sempre ao mesmo lugar onde Lacan, segundo a leitura de Derrida(1980/1987)¹¹, situou a carta de Allan Poe, no entre as pernas da lareira na casa do ministro. Ou seja, essa origem arquivada que se atualiza a cada presente e sempre surpreende o sujeito, não pode ser reduzida a um único sentido. Por isso a *Bahnung* é poética, ela é como a *physis*, emerge se escondendo, se esconde aparecendo, seguindo o devir. O arquivo carrega um conflito e um co-pertencimento essencial entre vida e morte, entre natureza e cultura, e se inscreve nos lugares mais íntimos, sendo a poética dos neurônios, aqui, toscamente esboçada apenas mais uma metáfora do impossível. Aqui, também, o impossível é algo mais além da castração e da morte, ele é também vida e criatividade.

Derrida parece não ocupar um lugar de herdeiro da verdade de qualquer texto porque, se um texto carrega uma verdade, é nessa articulação incessante entre origem rasurada e reenvio dessa origem para o *a posteriori*. Contudo, para Derrida (1980/1987), é desse lugar de herdeiro de Freud e carteiro (*facteur*) da verdade da psicanálise que Lacan fala no seu seminário sobre o conto *The Purloined Letter*. O conto de Allan Poe seria, portanto, apenas uma ilustração da verdade que a psicanálise já detém e que Lacan soube extrair do texto de Freud. Se, por um lado, Derrida (1980/1987) marca a *différance* e liberta a literatura – no caso, o conto de Allan Poe –, de um fechamento logocêntrico do senti-

do; por outro lado, o filósofo franco-argelino acaba se colocando no mesmo lugar de quem detém a verdade; no caso, a verdade sobre o seminário de Lacan atribuindo a este um sentido definitivo e pleno. Segundo Barbara Johnson (1996), o que Derrida discute não é propriamente o seminário de Lacan (1966/1998) sobre **A Carta Roubada**, mas sim o lugar de saber e poder ocupado por Lacan no discurso francês contemporâneo. Justamente o lugar de poder da fala que recalca a escritura e assegura a chegada da carta ao seu destino. Contudo, se estamos aqui reenviando a carta é porque sua destinação final (assim como sua origem definitiva) não foi determinada. A *Bahnung*, assim como a carta/letra, segue causando, participando e até exigindo, a cada retorno do mais íntimo e estranho, um esforço de poesia.

Latência e Ilusão: O Reencontro com o Impossível

Todo esse núcleo absolutamente intenso dos primeiros anos de vida, o qual deixa marcas indeléveis na escritura neuronal ou na “prancha de cera” do bloco mágico, sofre um processo de recalçamento, sucumbe ao que Freud nomeia “amnésia infantil”. Aquilo de que lembramos, dessa época da vida, é sempre uma recordação encobridora. Esse paradoxo da memória conforma-se perfeitamente ao *Nachträglichkeit* como temporalidade que se efetiva só depois, como também com a existência de um intervalo entre aquilo que se escreve psiquicamente e o seu retorno na vida do sujeito.

Seguindo Derrida, podemos pensar a amnésia infantil como uma espécie de rasura da origem. Contudo, já vimos que esse início rasurado e perdido segue nos acompanhando, mesmo que jamais possa ser plenamente decifrado e que siga, a cada retorno, a cada irrupção, como um estrangeiro, como um reenvio do mais estranho, exigindo um esforço pela busca de seu sentido. Deste modo, a poética dos neurônios, escrita pelos arquiteços, origina um psiquismo feito de desejos e aversões, no qual se cunha um estilo pulsional. O retorno a esses primeiros sulcos, nas repetições, nas compulsões, no que não se deixa domar facilmente, corresponde a buscas e evitações do mais intenso em cada um.

Como não se trata de um movimento linear, mas de uma narrativa que se efetiva a cada presente, existe desde a primeira

diferença entre as *Bahnungs*, na rede de facilitações, um “espaçamento” que impossibilita uma plenitude semântica e, portanto, há uma “disseminação” que impede a determinação definitiva do sentido. Esse estilo pulsional, forjado a partir dessa escritura originária, guarda espaço para que o poético, na sua qualidade de criação, insira uma diferença a cada nova travessia pelo que mais visceralmente nos causa, para além do Bem e do Mal. Nesse tempo *a posteriori*, o sujeito segue reconstruindo a sua memória, assim como um povo segue refazendo a sua história. O esforço poético é uma re-velação. Re-velar é renovar a origem impossível, mas podendo encontrar um destino diferente para a carta.

No registro da castração e do falo, somos sempre remetidos ao vazio da carta como seu significado transcendental determinante, num ranço metafísico na obra de Lacan. Por outro lado, quando pensamos, diferentemente, numa origem rasurada, singular e coletiva, que nos impulsiona, a cada encontro, a cada trauma, a uma reescritura, a um re-arquivamento, a uma possibilidade poética, vislumbramos um devir e sua imanência. A rede de *Bahnungs*, na sua originalidade, só depois, guarda, desde as primeiras diferenças, a possibilidade de uma repetição, de uma compulsão, mas também de uma reinvenção, de uma revelação, de uma *différance* como poesia. A poesia, na sua força de invenção, no seu esvaziamento do sentido presente, é um remendo, um reenvio, um desvio para um outro retorno adiante e, quem sabe, a possibilidade de uma nova latência até a próxima irrupção do arquitrato. O sentido que se pode extrair de uma poesia não é o vazio absoluto, tampouco a poesia é deflagrada pelo vazio absoluto, esses extremos são clausuras para o pensamento e a vida. Muitos sentidos podem e devem ser encontrados antes da morte.

Notas

1. Embora em **Freud** e a **Cena da Escritura** (1967) de Derrida a *Bahnung* seja traduzida por “exploração”, empregaremos a tradução por “facilitação”, que é a escolhida por Strachey em sua tradução da *Standard Editon*.
2. Reabilitar a escritura não quer dizer inverter a relação, presente no fonologocentrismo, entre uma fala que expressa a verdade e uma escritura que é seu suporte para fixação. Reabilitá-la

é justamente sair dessa lógica binária típica da clausura do pensamento metafísico e poder pensar a escritura de outra forma, como *différance*.

3. Sua arte [do poeta] é necessariamente uma posteridade e ele luta, portanto, através da repressão, para, quando muito, elaborar uma seleção dos traços que restam da linguagem da poesia; isto é, ele reprime alguns traços e lembra outros. Essa lembrança é a desapropriação poética ou desleitura criativa mas, por mais forte que seja a desapropriação, não pode alcançar uma autonomia de significado ou um significado totalmente presente, livre de todo contexto poético. Até mesmo o mais forte poeta deve assumir sua posição dentro da linguagem literária. Se ficar de fora dela não pode começar a escrever poesia, pois a poesia vive sempre à sombra da poesia. O homem da caverna, ao traçar o perfil de um animal na rocha, retraçava sempre o perfil do seu precursor (Bloom, 1976/1994, p. 16).
4. Vale ressaltar que a postulação de barreiras, de contato entre os neurônios é uma antecipação por Freud do que veio a ser descrito, posteriormente, em termos histológicos, como sinapse.
5. In their robust ignorance, the earliest people could create only by using their imagination, which was grossly physical. Yet this very physicality made their creation wonderfully sublime, and this sublimity was so great and powerfull that it exited their imaginations to ecstasy. By virtue of this imaginative creation, they were called poets, which in Greek means creators (Vico, 1744/2001, p. 145).
6. E, talvez, do Freud de **O Homem Moisés e o Monoteísmo**.
7. Como indica Strachey, Freud já havia sugerido isso em **Além do Princípio do Prazer** (p. 43 e 44) e mais cedo em **O Inconsciente** (p. 214-5). Voltará ao tema em **A Negativa** (1925, p. 299). A diferença é que até o Wunderblock é o inconsciente o responsável por esses intervalos perceptivos, “É como se o **inconsciente** estendesse sensores, mediante o veículo do sistema Pcpt.-Cs, orientados ao mundo externo, e, rapidamente, os retirasse assim que tivessem classificado as excitações dele provenientes” (1925, p.290). Já em **A Negativa** nos diz: “O ego

envia periodicamente pequenas quantidades de catexia para o sistema perceptual mediante as quais classifica os estímulos externos e então, (...) se recolhe novamente” (p.299 – grifos nossos).

8. Para Rudge, o “estado de desejo” é mais propriamente o que Freud chamará mais tarde de pulsão, e essa narrativa de uma origem mítica é a da constituição das pulsões.
9. A clínica nos mostra que, freqüentemente, as pessoas acabam esquecendo o lugar onde arquivaram a nota, só a encontrando quando não é mais necessária.
10. Derrida (1995) indicará que não existe arquivo desatrelado da pulsão de morte. É apenas porque existe uma finitude radical que existe o desejo de um arquivamento. E sendo o arquivo a possibilidade de uma repetição, tal arquivo se constrói no seio da pulsão de morte. Isso constitui, em termos bem gerais, o que Derrida denomina **mal de arquivo**.
11. No artigo **Le Facteur de la Vérité** publicado, pela primeira vez, em 1975.

Referências

- Bloom, H. (1994). *Poesia e repressão*. Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1976).
- Derrida, J. (1987). Le facteur de la vérité. In J. Derrida, *The post card: From Socrates to Freud and Beyond* (pp. 411-496). Chicago: University of Chicago Press, 1987. (Originalmente publicado em 1980).
- Derrida, J. (2001). *Mal de arquivo: Uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. (Originalmente publicado em 1995).
- Derrida, J. (2002). *A Escritura e a diferença* (3a ed). São Paulo: Perspectiva. (Originalmente publicado em 1967).
- Derrida, J. (2004). *Gramatologia* (2a ed). São Paulo: Perspectiva. (Originalmente publicado em 1967).
- Derrida, J., & Roudinesco, E. (2004). *De que amanhã: Diálogo*. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 2001).

- Freud, S. (1975). *Moisés e o monoteísmo: Três ensaios*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1939 [1934-1938]).
- Freud, S. (1976a). *Projeto para uma psicologia científica*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1950[1895]).
- Freud, S. (1976b). *Uma nota sobre o 'Bloco Mágico'*. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1925[1924]).
- Heidegger, M. (1998). *Heráclito*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Johnson, B. (1996). *La carta robada: Poe, Lacan, Derrida*. Buenos Aires, Argentina: Tres Haches.
- Lacan, J. (1998). O seminário sobre 'A Carta Roubada'. In J. Lacan, *Escritos* (pp. 13-66). Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1966).
- Vico, G. (2001). *New science*. Londres: Penguin Books. (Originalmente publicado em 1744).

Recebido em 17 de janeiro de 2007

Aceito em 19 de maio de 2007

Revisado em 13 de agosto de 2007